ESSÊNCIA E EXISTÊNCIA EM SANTO TOMÁS DE AQUINO

Vitor Guimarães (IC) e Fabiano de Almeida Oliveira (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

O seguinte trabalho busca investigar a obra *De ente et essentia*, opúsculo redigido por Santo Tomás de Aquino em sua juventude e um texto filosófico importantíssimo para se aprofundar na filosofia medieval, assim como para compreender tanto a obra do Doutor Angélico quanto a história da metafísica. No centro de *O ente e a essência*, temos a separação feita pelo filósofo entre existência e essência, discussão que já havia sido abordada anteriormente por outros pensadores na história da filosofia, porém desenvolvida de maneira única por Santo Tomás de Aquino. Este trabalho apresenta os antecedentes filosóficos desta questão com foco em Aristóteles e Avicena, dois pensadores que influenciaram Santo Tomás de Aquino, passando por definições imprescindíveis para se compreender a separação entre essência e existência feita posteriormente pelo Doutor Angélico como, por exemplo, a substância, ato e potência, a Causa Primeira, além da maneira com que tanto Aristóteles quanto Avicena abordaram a existência e a essência em sua obra. Ao longo deste artigo, as metafísicas de Aristóteles e Avicena são investigadas, em um primeiro momento, para que seja possível chegarmos até a obra de Santo Tomás de Aquino havendo compreendido os conceitos necessários para esmiuçar *O ente e a essência*, compreendendo as contribuições do Doutor Angélico e sua importância dentro da história da filosofia.

Palavras-chave: Santo Tomás de Aquino; Ente; Essência

ABSTRACT

The following work seeks to investigate the work *De ente et essentia*, an opuscule written by Saint Thomas Aquinas in his youth and a philosophical text extremely important to delve deeper into medieval philosophy, as well as to comprehend both the work of the Doctor Angelicus and the history of metaphysics. At the heart of *On being and essence* we have the separation made by the philosopher between existence and essence, discussion already approached by other thinkers in the history of philosophy, but developed in a unique way by Saint Thomas Aquinas. This work presents the philosophical background of this issue focusing on Aristotle and Avicenna, two thinkers that influenced Saint Thomas Aquinas, going through essential definitions to comprehend the separation between essence and existence later done by the Doctor Angelicus as, for example, the substance, act and potency, the First Cause, as well as the manner in which both Aristotle and Avicenna approached existence and essence

in their work. Throughout this article, the metaphysics of both Aristotle and Avicenna will be investigated at first, so we can arrive at the work of Saint Thomas Aquinas having comprehended the necessary concepts for examining *On being and essence* in detail, understanding the contributions of the Doctor Angelicus and his importance in the history of philosophy.

Keywords: Saint Thomas Aquinas; Being; Essence

1. INTRODUÇÃO

Santo Tomás de Aquino nasceu em Roccasecca, no Reino da Sicília, no ano de 1225. Começando seus estudos com monges beneditinos, ingressou na Ordem dos Dominicanos como seminarista no ano de 1244. Mesmo tendo morrido jovem, aos 49 anos no ano de 1274, escreveu mais de 60 obras ao longo de sua vida e foi canonizado no ano de 1323 pelo Papa João XXII. Tendo estudado sob a tutela de Alberto Magno, grande expoente da Escolástica, Santo Tomás de Aquino reintroduziu a filosofia de Aristóteles no pensamento europeu medieval e produziu uma obra extremamente vasta, debruçando-se sobre temas como a fé e a razão, o bem e o mal e, também, o ente e a essência, questão central a ser tratada neste trabalho.

Conforme afirma Hugon (1998, p. 12) sobre a influência de Aristóteles no pensamento de Santo Tomás: "Não se pode deixar de reconhecer que S. Tomás seguiu as trilhas de Aristóteles, mas ele reformulou de tal modo os ensinamentos do Estagirita, que arquitetou uma outra filosofia." Ele foi capaz de esquadrinhar a filosofia peripatética "introduzindo nela os conceitos de criação das coisas por Deus, da temporalidade da matéria-prima, do próprio ser, levando a suas últimas consequências aquilo que o Filósofo apenas esboçara" (HUGON, 1998, p. 12). *O ente e a essência* é uma de suas obras de juventude, porém é decisiva "na medida em que torna transparentes as diretrizes gerais da metafísica do autor", conforme afirma Francisco Benjamin de Souza Neto (*in* AQUINO, 2014, p. 7) em sua introdução para a edição publicada pela editora Vozes.

> O terminus a quo de toda a metafísica de Santo Tomás é o ENS. É desde a divisão deste que as peculiaridades do pensamento se desvelam. De início, ens e essentia se divisam como "aquilo" que, primeiro, o intelecto concebe. Com isto elimina-se todo realismo ingênuo. Ao contrário, assume-se o "ens qua ens", mas este só se tem em conta de acessível em seu ser concebido pelo intelecto. Isto equivale a dizer que é só enquanto concebido que o ente e a essência são acessíveis. É, portanto, a potência ativa de conceber que faz o homem capaz do ente e da essência. (SOUZA NETO *in* AQUINO, 2014, p. 9-10)

No início de *O ente e a essência*, Santo Tomás reitera a importância de se diferenciar estes dois conceitos partindo de um pensamento no primeiro livro da Metafísica de Avicena[1]:

> (...) o ente e a essência são o que é concebido primeiro pelo intelecto, para não acontecer que se erre por ignorância deles, para dissipar-lhes a dificuldade, importa dizer o que é significado pelo nome de essência e de ente, como se encontra em diversos e como está para as intenções lógicas, isto é, o gênero, a espécie e a diferença. (AQUINO, 2014, p. 17)

[1] Adotaremos neste trabalho a grafia de *Avicena,* porém, é possível encontrar outras grafias para referenciar o filósofo persa como *Avicenna*, em edições estrangeiras de suas obras, além *Ibn Sina* e *Ibn Sīnā*, por exemplo.

Sendo assim, esta distinção já se mostra presente em Avicena, porém, na obra de Santo Tomás "esta diferença de concepção irá diferenciar o ser de Deus do ser dos demais entes" (SILVA & VIEIRA, 2021, p. 20). Visando a importância destes conceitos de Santo Tomás para o estudo de sua filosofia e da metafísica dentro da história da filosofia, uma vez que seus temas se relacionam tanto com pensadores anteriores quanto posteriores a ele, este trabalho visa investigar a metafísica do pai do tomismo e a diferenciação que o filósofo faz entre ente e essência em seu pensamento. A obra do escolástico é central na Filosofia Medieval e, outrossim, é fundamental até a filosofia contemporânea ao pensarmos na metafísica. E assim veio sendo desde a antiguidade, conforme afirma Evaldo Sampaio da Silva: "Justamente por se interrogar o porquê último das coisas, a Metafísica não seria o início e sim o coroamento de todo um esforço de compreensão da realidade." (SILVA, 2016, p. 64) Silva ainda reitera que seja cronologicamente ou estruturalmente, a metafísica remete às próprias origens do pensamento ocidental, sendo que toda a ciência grega e toda a sua cultura acabaram convergindo para esta que é chamada de "filosofia primeira". A metafísica perpassa toda a história da Filosofia. Aristóteles, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, Kant e Heidegger, por exemplo, são alguns dos filósofos que a esta área se dedicaram. Notemos que, apenas neste exemplo, para Aristóteles, um filósofo nascido em 384 a.C., e para Heidegger, um filósofo nascido no ano de 1889 d.C., mais de dois mil anos depois, esta área da Filosofia seguiu sendo estudada. Portanto, tendo em vista a importância de Santo Tomás de Aquino na história da filosofia e sendo sua metafísica e os conceitos de ente e essência temas centrais em seu pensamento, é de grande relevância prescrutarmos estes temas dentro de sua obra e as relações que contêm tanto com pensadores de seu passado, quanto seus desdobramentos no pensamento de outros autores que o sucederam.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

A questão central que este trabalho almeja é compreender a visão de Santo Tomás de Aquino sobre ente e essência, a diferenciação feita pelo Doutor Angélico entre estes dois conceitos e como esta separação se relaciona com a metafísica que o precedia, tanto quanto com estudos posteriores sobre metafísica na história da filosofia. Por sua complexidade e importância histórica, a filosofia de Santo Tomás vem sendo estudada por inúmeros pensadores e pesquisadores ao longo dos séculos e, deste modo, faz-se necessário que analisemos o pensamento de Santo Tomás de Aquino em relação aos conceitos de ente e essência em três etapas distintas: De quem o influenciou, do próprio Doutor Angélico e de quem foi influenciado por ele e, também, se debruçou para estudar suas obras. Portanto, dividiremos esta sessão do trabalho em três partes, sendo elas os *Antecedentes filosóficos da questão*, com foco em Avicena e Aristóteles, *Santo Tomás de Aquino: De ente et essentia* e, na última parte, onde trataremos brevemente da influência do Doutor Angélico na filosofia

de pensadores que o sucederam, *Desdobramentos posteriores das contribuições de Santo Tomás de Aquino*.

2.1 – Antecedentes filosóficos da questão

Este trecho do trabalho se concentrará, especificamente, em dois pensadores anteriores ao Doutor Angélico e cujo pensamento possui grande influência em sua filosofia: Aristóteles e Avicena. Começaremos por Aristóteles, uma vez que o estagirita é um filósofo anterior a Avicena cronologicamente e, também, possui grande influência no pensamento do filósofo persa.

2.1.1 – Essência e existência em Aristóteles

Tendo vivido no século IV a.C., Aristóteles nasceu em Estagira, se mudando aos dezoito anos para Atenas, local onde frequentou a Academia de Platão. Lá permaneceu por vinte anos e após a morte de seu mestre deixou a Academia (CHAUÍ, 2002, p. 334), tendo mais tarde, aos cinquenta anos, fundado sua própria escola, o Liceu. A obra aristotélica perpassa inúmeras esferas do saber como, por exemplo, a Filosofia, a Física, a Metafísica, a Botânica e a Lógica (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2006, p. 16). A magnitude de suas obras, entre elas a *Ética a Nicômano*, *Retórica*, *Órganon*, *Física*, *Política* e *Metafísica*, o colocam como um dos filósofos mais influentes da história da Filosofia. Nos catorze livros da *Metafísica*, não vemos apenas um tema central, mas uma compilação não-uniforme de discussões filosóficas que sucedem a *Física* (BINI *in* ARISTÓTELES, 2012, p. 11-12). Os textos que fazem parte da *Metafísica* aristotélica não surgiram ao mesmo tempo e tampouco são indivisíveis, porém, é indiscutível que a obra possui uma unidade especulativa em seus temas e que a negação desta unidade "significa tornar impossível a filosofia dos livros chamados Metafísica, tanto no seu conjunto como individualmente" (PERINE, 2002, p. 17). Podemos ver este ímpeto aristotélico de compreender esta ciência no excerto a seguir:

> Há uma ciência que investiga o *ser* como *ser*[2] e as propriedades que lhe são inerentes devido à sua própria natureza. Essa ciência não é nenhuma das chamadas ciências particulares, pois nenhuma delas se ocupa do *ser* geralmente como *ser*. Elas secionam alguma porção do ser e investigam os atributos desta porção, como fazem, por exemplo, as ciências matemáticas. Mas visto que buscamos *os primeiros princípios e as causas supremas*, está

[2] No original, "ser como ser" aparece como "τὸ ὂν ᾗ ὄν". Em outras traduções, este "ser" (como aparece na edição traduzida por Edson Bini que tomamos como base para este trabalho) foi traduzido como "ente", por exemplo, no Volume I de *Comentário à Metafísica de Aristóteles* de Santo Tomás de Aquino publicado pela Vide Editorial, que abarca os comentários do Doutor Angélico sobre os quatro primeiros livros da Metafísica aristotélica, lemos esta primeira frase do quarto livro da Metafísica como: "Há, porém, uma ciência que considera o ente enquanto ente e as propriedades que lhe convêm enquanto tal" (ARISTÓTELES *in* AQUINO, 2016, p. 333). Veremos que nos desdobramentos posteriores às contribuições de Santo Tomás, será feita uma diferenciação entre "ser" e "ente" por Heidegger, por exemplo. Faz-se, portanto, necessária esta pequena nota de rodapé para evitar desentendimentos futuros.

> claro que devem pertencer a algo em função de sua própria natureza. Por conseguinte, se esses princípios foram investigados por aqueles que também investigaram os elementos das coisas que existem, os elementos têm que ser elementos do *ser* não acidentalmente, mas em relação ao *ser* como *ser*. Portanto é do *ser* como *ser* que nós também temos que apreender as primeiras causas. (ARISTÓTELES, 2012, p. 105)

Para Aristóteles, a *Metafísica* "é um termo que designa uma ciência que, aristotelicamente falando, é para nós 'posterior' à física, enquanto e somente enquanto ela é, em si e por si, 'superior' à física" (PERINE, 2002, p. 14). No Livro VI de sua Metafísica, Aristóteles discorre sobre esta que é considerada a *filosofia primeira*:

> Poder-se-ia, de fato, levantar a questão de se a *filosofia primeira* é universal ou trata de algum gênero particular ou algum tipo particular de coisa, porque nem mesmo as ciências matemáticas são todas semelhantes nesse aspecto: enquanto a geometria e a astronomia ocupam-se de um certo tipo particular de coisa, a matemática universal se aplica igualmente a todos. Respondemos que, se não há uma substância além das que são naturalmente compostas, a física será a ciência primeira; mas se há uma substância que não está sujeita ao movimento, a ciência que estuda essa substância será anterior à física e será a filosofia primeira, e, neste sentido, universal, porque é primeira. E caberá a essa ciência investigar o *ser enquanto ser* – tanto *o que é* quanto os atributos que lhe pertencem enquanto ser. (ARISTÓTELES, 2012, p. 173)

Conforme vemos em Marilena Chauí (2002, p. 389), o objeto de investigação da metafísica é a *ousía*, ou seja, a essência ou substância "como princípio ou causa imanente da multiplicidade, da mudança e da unidade, e de sua inteligibilidade". Em sua obra *Categorias*, Aristóteles, ao falar sobre a substância, diz que "em sua acepção mais própria e mais estrita, na acepção fundamental do termo, é aquilo que não é nem dito de um sujeito nem em um sujeito" (ARISTÓTELES, 2020, p. 18). Dentro das *Categorias*, Aristóteles (2020, p. 23) exemplifica que uma substância (neste caso, uma substância primária) não pode ter um contrário. Nada é contrário a uma substância e tampouco admite um *mais* ou um *menos*, afirma o estagirita. Seguindo o exemplo que Aristóteles traz nesta quinta parte das *Categorias*, não existe um contrário de homem, assim como um homem não é mais homem ou menos homem ao compará-lo a outro homem ou consigo mesmo. "Uma substância, porém, *enquanto* substância, não é *mais* ou *menos* do que em si mesma. Um homem não é *mais homem* [agora] do que foi em algum momento do passado (...)" (ARISTÓTELES, 2020, p. 23-24). Aristóteles (2020, p. 22) também explica que no caso das substâncias primárias, é indiscutível que uma substância pareça determinada, ou seja, que a substância dê significado a um determinado algo. Paulo Alexandre e Castro explica como a palavra *substância* veio do latim e obteve este significado dentro da Filosofia no excerto abaixo.

> A palavra *substância* chegou através do latim *substantia* (do verbo *substare* que significa estar debaixo de, sustentar, estar sob) que traduzia um vocábulo grego parecido com *Hypokeimenon* (que significa literalmente *o que subjaz*).

> Os latinos traduziriam esse vocábulo por *subjectum* (de *subjacere*, jazer sob – que viria a dar em português *sujeito*) que filosoficamente referiria o ser concreto, individual. Seria um "algo" que revelaria aquilo que uma coisa é; é aquilo que é primeiramente e que é sujeito de todas as determinações, ou dizendo de outra forma, é o que determina o ser a ser aquilo que é. (CASTRO, 2020, p. 6-7)

Significar a substância, segundo Zillig (2009, p. 8), "é significar que não é diferente o ser da própria coisa." A substância não é um complemento de um sujeito, a substância no sentido de *essência*, conforme veremos a seguir, é o ser **em si**. Ela é "o ser tomado em vários sentidos" (CHAUÍ, 2002, p. 389). Chauí (2002, p. 389-390) segue sua explicação apresentando estes sentidos, sendo eles a *arkhé*, *aítia*, *hipokeímenon* e a *essência* ou *tò ti em eînai*. No caso da *arkhé* (princípio), o princípio ontológico, lógico e epistemológico dos seres é a substância. É ela que "faz haver ser". Em um princípio lógico, a substância vem antes dos seres não de uma maneira cronológica, mas como "a condição lógica para que se diga que há seres". No sentido de causa ou *aítia*, os sentidos são quatro. A que diz respeito a forma ou essência que algo possui, chamada por Aristóteles de *causa formal*; a que corresponde à matéria de que algo é feito, chamada de *causa material*; a que se refere ao princípio agente responsável pela produção, mudança ou movimento de algo, chamada de causa eficiente ou motriz; e, por último, qual a sua finalidade, denominada *causa final*. Em seguida, no *hypokeínemon* ou substrato, trata-se das propriedades essenciais. Ao tratarmos da substância, ela não é uma quantidade, qualidade, lugar ou tempo, porém, ela é o que possibilita que existam quantidades, qualidades, lugares e tempo. "As qualidades e quantidades devem existir em alguma coisa e esta coisa é uma substância como suporte ou substrato ou sujeito de qualidades e quantidades".

> É isso que Aristóteles quer significar quando afirma que a substância é separável ou tem existência separada enquanto as outras categorias só têm existência numa substância, ou quando diz que uma substância é um sujeito ou aquilo de que tudo pode ser afirmado (pode receber os predicados ou atributos ou propriedades), mas não pode ser afirmado de um outro sujeito, isto é, uma substância nunca é um predicado ou um atributo ou uma propriedade, pois ela é o sujeito, o próprio sujeito. (CHAUÍ, 2002, p. 390)

Por fim, no sentido de *essência* ou *tò ti em eînai*, ou seja, aquilo que algo é, vemos, conforme prossegue Marilena Chauí (2002, p. 390), que a "essência é a natureza da coisa, aquilo pelo que ela é o que ela é e aquilo sem o qual a coisa deixa de ser o que ela é, ou simplesmente deixa de ser". A substância como essência é a "unidade real e inteligível de propriedades necessárias que determinam aquilo que uma coisa é tomada em si mesma", unidade que diz o que a coisa é afirmando sua função ou finalidade. A "substância é a essência individual ou uma realidade individual". Se para Platão o ser era um reflexo de uma entidade maior, o ser para Aristóteles era uma realidade pois "as coisas são substâncias, e o que existe no mundo são substâncias" (CASTRO, 2020, p. 7). Conforme vemos em Michael

Nelson (2020), por mais que a distinção entre as propriedades necessárias para algo ser o que é e suas propriedades essenciais seja uma discussão controversa, é indiscutível que foi na visão aristotélica que se apresentou pela primeira vez o debate sobre a existência. Porém, "Aristóteles parece não ter identificado nada mais que existência na essência[3]" (NELSON, 2020, tradução nossa). Para o estagirita, não havia um espaço de articulação que separava o que algo ***é*** deste algo ***existir***. Segundo Raphael Zillig (2009, p. 17), "Aristóteles introduz a compreensão da essência como causa". É a essência, no caso das substâncias sensíveis, que orienta "o vir a ser e a existência do ser sensível".

> Ser significa, primeiramente que tudo é uma substância, e tudo aquilo que não é substância existe em virtude de uma e não pode ser concebido sem uma; assim, ser no seu sentido primário, significa ser um individual subsistente (repare-se que temos aqui subjacente o par conceitual matéria/forma). Esse individual subsiste como determinado. (CASTRO, 2020, p. 13)

Deste modo, vemos que, para Aristóteles, a substância de algo é sua essência (mas não apenas sua essência), e que mesmo tendo o estagirita em sua filosofia inaugurado a busca pela essência/existência das coisas, não há em seu pensamento uma divisão ou um espaço entre a essência de algo e este algo verdadeiramente existir. Em outras palavras, Aristóteles não formula uma distinção entre essência e existência nos termos em que ela será posteriormente desenvolvida por Avicena e Santo Tomás de Aquino. Para Aristóteles, o ser, o ente, ou seja, aquele que é, é a própria substância (CASTRO, 2020, p. 13). Na sequência, veremos que Avicena aborda esta questão de um modo diferente, porém é necessário que antes entendamos os conceitos de *potência* e *ato* para Aristóteles antes de prosseguirmos, pois estes conceitos terão uma articulação fundamental no decorrer deste trabalho.

Conforme o excerto supracitado de Zillig (2009, p. 17), é a essência que orienta "o vir a ser e a existência do ser sensível". Isto ocorre pois "os entes compostos de forma e matéria estão sujeitos e se sujeitam ao devir, à mudança, e, consciente dessa constatação empírica, Aristóteles introduz as noções de potência e ato" (CASTRO, 2020, p. 13). Aristóteles (2012, p. 236) afirma: "*Ato* significa a presença da coisa, não no sentido em que entendemos potência". O estagirita segue sua explicação com o exemplo da estátua de Hermes, presente em potência na madeira, ou o homem que mesmo não estudando possui a potência de ser estudioso uma vez que é capaz de estudar. "Aquilo que está presente no sentido oposto a isso está presente em ato", conclui Aristóteles.

> Não há necessidade de buscar uma definição para todos os termos, bastando compreender a analogia – que a construção em ato é para aquilo que é capaz de construir o que aquilo que está desperto é para aquilo que está adormecido, e aquilo que está vendo para aquilo que tem os olhos cerrados, mas possui a faculdade da visão, e aquilo que se diferencia da matéria para a matéria; e o

[3] "Aristotle seems to have seen nothing more to existence than essence".

> produto acabado para a matéria-prima. Que o ato seja definido por um membro desta antítese, e a potência pelo outro. (ARISTÓTELES, 2012, p. 236)

Portanto, à esteira deste excerto aristotélico, vemos alguns exemplos contrapostos de ato e potência: Construção (ato) x Capacidade de construir (potência); Desperto (ato) x Adormecido (potência); Ver (ato) x Olhos cerrados de alguém que possui a faculdade da visão (potência) e, por último, Produto acabado (ato) x Matéria-prima (potência).

> A forma de um ser é ato ou atualidade; é a *enérgeia*, a essência da coisa tal como ela é aqui e agora. A matéria de um ser é potência ou potencialidade, a *dýnamis*, a aptidão ou a capacidade da coisa para o que ela pode vir a ser no tempo. Quando uma matéria recebe uma forma, não a recebe inteiramente pronta, acabada, atualizada, mas a recebe como uma possibilidade, como uma potencialidade que deve ser atualizada. (CHAUÍ, 2002, p. 397)

Deste modo, a matéria, enquanto potência, tende à sua atualização por meio do movimento, que se realiza pela determinação da forma. Aristóteles (2012, p. 304) apontava que o movimento "não pode ser gerado ou destruído, já que sempre existiu", também afirmando que "não seria possível haver anterioridade e posteridade sem o tempo" e que "o tempo é ou idêntico ao movimento ou um atributo dele". O movimento atualiza a potência em questão, sendo por esta atualização que a matéria se move (ou é movida), e a forma completa o movimento, assim se realizando. Marilena Chauí (2002, p. 397) elucida estes conceitos com o exemplo de um humano. Um feto é, em potência, um ser futuro. Esta potência, com o tempo será atualizada no tempo pela potência da matéria deste feto, tornando-se ele criança, depois adolescente e depois adulto, assim "realizando inteiramente a forma que estava potencialmente contida em sua matéria". A criança, sendo assim, "é um ser humano em ato e que, em potência, é jovem; o jovem é um ser humano em ato e que, em potência, é adulto". O movimento é "causa final da causa material e a causa formal é a causa final do movimento" (CHAUÍ, 2002, p. 397-398). Por ser sempre um ato, a forma é o atual/real. Por ser sempre uma potência, a matéria é o virtual, aquilo que aguarda o vir a ser. Antes de prosseguirmos para a próxima seção deste trabalho, que abordará o pensamento de Avicena, vale ressaltar que, ao pensar sobre o movimento, Aristóteles (2012, p. 305) já apontava que deveria "haver um princípio cuja própria substância seja ato". Veremos, posteriormente, que tanto Avicena quanto Santo Tomás de Aquino, cada um ao seu modo, abordarão a questão sobre este princípio em suas respectivas filosofias.

Neste trecho de nosso trabalho, introduzimos a noção de essência e existência para Aristóteles, relacionando estas ideias à substância e, também, aos conceitos de potência e ato elaborados pelo estagirita. Sem estas explicações, não seria possível seguirmos para as próximas partes deste artigo, que abordarão as ideias de essência e existência para Avicena e, em seguida, Santo Tomás de Aquino, cujo pensamento é o foco deste trabalho. Conforme

citado anteriormente, seguiremos a linha cronológica abordando, a seguir, a essência e existência para Avicena.

2.1.2 – Essência e existência em Avicena

Avicena nasceu no século X em Afsana, Pérsia, no ano de 980. Conforme vemos em Rosalie Helena de Souza Pereira (2010, p. 5), o que sabemos sobre ele é o que se encontra em sua *Autobiografia*, obra ditada pelo próprio Avicena a Jūzjānī, seu discípulo por 25 anos e que, após a morte de seu mestre, continuou a sua *Biografia*. Pereira (2010, p. 7) nos conta que desde cedo a inteligência de Avicena causava admiração. Com apenas dez anos ele "já conhecia gramática, teologia, e recitava o *Corão* de cor". Mais tarde, dedicando-se à Filosofia, "travou conhecimento com o 'Primeiro Mestre', título conferido pelos árabes a Aristóteles". Bertrand Russell (2015, p. 152), afirma que a filosofia de Avicena é mais próxima de Aristóteles do que a de seus antecessores muçulmanos e em sua *Autobiografia* consta que após ler quarenta vezes a *Metafísica*, Avicena "não conseguiu alcançar nem o conteúdo nem o objetivo da grande obra" (PEREIRA, 2010, p. 7). Por acaso, caiu em suas mãos o livro *Sobre o Objetivo da Metafísica de Aristóteles*, de Alfarábi, que lhe permitiu "entender o que já sabia de cor, mas não compreendia".

> Ibn Sina ou Avicena (980-1037), como é conhecido no mundo latino, foi o pensador que dedicou grande interesse à filosofia de Aristóteles. Entretanto, se, por um lado, Ibn Sina foi muito influenciado pela filosofia do estagirita, por outro, não é possível afirmar que foi seu fiel seguidor. Discordou e modificou muitos aspectos da filosofia do Primeiro Mestre (al-Mu 'alím al-awal), como Aristóteles ficou conhecido entre os árabes. (ISKANDAR, 2011, p. 41)

Entre as diferenças que encontramos entre Aristóteles e Avicena está a separação que o filósofo persa faz entre essência e existência, abordando esta questão de um modo bastante diferente de seu antecessor estagirita. De acordo com Yasin Ceylan (1993, p. 329), Alfarábi é quem inaugura na filosofia muçulmana a separação entre essência e existência em um ser, divisão que também é adotada por seu sucessor Avicena. Esta divisão entre essência e existência, segundo Michael E. Marmura (*in* AVICENA, 2005, p. XXIII), é basilar para a prova aviceniana da existência de Deus, assim como é essencial para sua argumentação que mostra o modo pelo qual todo o mundo emana Dele. Ao tratar do pensamento de Alfarábi, lemos em Rosalie Helena de Souza Pereira:

> Faz a existência de alguma coisa parte de sua essência? A resposta é afirmativa para o ser primeiro, negativa para os outros seres. Existência e essência são a mesma em Deus, ambas não podendo ser concebidas separadamente. Nos seres múltiplos – o universo criado -, a existência é um acidente de sua essência, tem realidade própria porque separada de sua essência desde que criada pelo ser primeiro. Assim, uma figura geométrica pode ser concebida na sua essência sem que necessariamente tenha existência. À exceção do ser primeiro, no que se refere às suas essências,

> todos os seres pertencem à categoria do possível porque dependem de uma causa criadora para que se tornem reais. O ser primeiro é necessário em si mesmo, pois tem sua existência sem causa externa a si próprio. Os outros seres, todos dependentes de uma causa exterior a eles, pertencem ao domínio do possível antes de existirem. Uma vez criados, tornam-se reais ou necessários hipotéticos. (PEREIRA, 2010, p. 61)

Influenciado pela filosofia de Alfarábi, Avicena aborda a diferença entre essência e existência da seguinte maneira: As coisas possuem essências (que as diferenciam entre si) e existência (algo comum entre si), porém, sua natureza acidental não as permite possuí-la (a existência) permanentemente. Deste modo, "se algo acontece de existir, sua existência é dada por uma fonte externa, cuja natureza não é similar ao acidente e, portanto, inseparável entre essência e existência[4]" (CEYLAN, 1993, p. 329, tradução nossa). Para o filósofo persa, não é a essência de um ente a responsável por sua existência, e é aí que vemos uma de suas oposições ao pensamento aristotélico. Yasin Ceylan (1993, p. 330) nos explica que Avicena trata o conceito de *acidente* (*'arad* no original árabe) como a capacidade da essência receber a existência. Ademais, a fórmula aristotélica da forma e matéria (em que ao combinar estes dois elementos surgiria algo **real** ou **existente**), tampouco era compartilhada por Avicena, que via nesta questão o seguinte problema: "como algo que existe passa a existir a partir de dois elementos inexistentes?[5]" (CEYLAN, 1993, p. 330, tradução nossa). Para o filósofo persa havia algo ausente nesta equação. Avicena afirma que após a combinação destes dois elementos (matéria e forma), há a necessidade de um terceiro fator para que algo venha a existir: A existência concedida por Deus. Avicena também nos mostra a diferença entre Deus, o Ser Necessário e o resto dos seres, os seres acidentais: Enquanto os seres acidentais se constituem com essência e existência, Deus é definido por Avicena como existência pura, sendo Ele alguém cuja existência e essência são iguais (CEYLAN, 1993, p. 330).

> Todo (ser) possível adquire sua existência por intermédio de outro; e tudo que existe por intermédio de outro, a particularidade de sua existência provém de sua causa e esta é a sua substância. Portanto, a substância de qualquer (ser) possível é proveniente de outro. Porém, aquele cuja substância existe por sua própria essência é o Ser Necessário. E toda coisa cuja quididade sofre alteração em função de sua existência, então, sua existência, nesse caso, é por intermédio de outro e sua substância não será a quididade para a sua própria quididade; sua identidade não é por si mesmo, e sua existência determinou sua quididade. Contudo, a identidade do Princípio Primeiro é por si mesma. (AVICENA *in* ISKANDAR, 2012, p. 35)

Apenas a existência do Criador se localiza antes de tudo (AVICENA, 2009, p. 359). Avicena (2005, p. 30, tradução nossa) também afirma: "Aquele que é em si um ser necessário

[4] "(...) if anything happens to exist, its existence is provided by an external source, whose nature is not similar to that of the contingent, and therefore inseparable into essence and existence."
[5] "(...) how can something existential come into being out of two non-existent elements?"

não possui causa, enquanto aquele que é em si um ser possível possui uma causa[6]". Ademais, o Ser Necessário é deste modo em todos os seus aspectos e a verdadeira natureza do Ser Necessário não pode, de modo algum, ser compartilhada com outro ser. "Que o Ser Necessário não possui causa é óbvio[7]" (AVICENA, 2005, p. 30, tradução nossa), continua, pois se o Ser Necessário possuísse uma causa, seria por esta causa que Ele existiria e algo que existe por alguma causa não pode ser o Ser Necessário.

> Não há outro "Ele" senão o Ser Necessário, pois a substância desse outro não seria em função de sua identidade; sua substância seria proveniente de outro e a identidade do Ser Necessário é através de sua própria essência. Sua essência é, certamente, Dele e não (pertence) a outro. (AVICENA *in* ISKANDAR, 2012, p. 35)

Vemos, portanto, uma das articulações do pensamento aviceniano com Alfarábi (*in* MCGINNIS & REISMAN, 2007, p. 88, tradução nossa), que afirma sobre a Primeira Causa: "Não pode haver nenhuma existência mais perfeita e superior que a Sua existência. Não pode existir nenhuma existência anterior a Ela tampouco em uma posição equivalente a Ela que não seja exclusivamente Sua própria existência[8]". Ambos os filósofos compreendem Deus como o Ser Necessário, a Primeira Causa que se encontra acima de tudo e é anterior a tudo. Avicena (2005, p. 131, tradução nossa), posteriormente, ao abordar os conceitos de *potência* e *ato*, explica que o significado de *potência* veio sendo entendido pelos filósofos como um sinônimo de *possibilidade*. "E eles nomearam aquilo cuja existência se encontra dentro dos limites da possibilidade 'um existente em potência[9]'". Por sua vez, a realização desta potência foi chamada de *ato*, mesmo que este *ato* não seja resultado de uma *ação*, mas sim o *receber uma ação*, como adquirir uma configuração específica ou ser movido, por exemplo.

Avicena (2005, p. 142, tradução nossa) explica que tanto na concepção quanto na definição, o ato é anterior à potência. Isto ocorre porque "você não consegue definir a potência exceto como pertencendo ao ato, enquanto, ao definir e conceber o ato, você não precisa [sustentar] que ele pertence à potência[10]". O filósofo também afirma que "o ato é anterior à potência em perfeição e propósito" (AVICENA, 2005, p. 142). Para ele, o potencial indica uma falta, algo que ainda não está completo, algo que não atingiu o ato e o ato em si, por sua vez, é a perfeição. Aquele que está acima da completude, é aquele que "possui a existência que

---

[6] "That which in itself is a necessary existent has no cause, while that which in itself is a possible existent has a cause."

[7] "That the Necessary Existent has no cause is obvious".

[8] "There can be no existence more perfect and superior than Its existence. There can be no existence prior to It nor at a rank equivalent to It that is not Its own existence exclusively."

[9] "Then they named the thing whose existence is within the bound of possibility 'an existent in potency.'"

[10] "(...) you cannot define potency except as belonging to act, whereas, in defining and conceiving the act, you do not need [to maintain] that it belongs to potency."

deve ter e um excesso de existência para o resto das coisas[11]" (AVICENA, 2005, p. 145, tradução nossa). Ele é a Primeira Causa, cuja existência em Si não possui uma causa externa, cuja existência emana sobre todas coisas excedendo Sua própria existência. Avicena demonstra que Deus é ato puro, Ele está acima da completude, Ele é o Ser Necessário, Nele (e apenas Nele) existência e essência são iguais. E depende Dele, e somente Dele, que qualquer essência que possa ser ideada ou definida venha ou tenha vindo a existir.

Nesta parte do trabalho dedicada ao pensamento de Avicena, exploramos a influência de Alfarábi em seu pensamento, abordamos a prova da existência de Deus feita por Avicena assim como a demonstração de que todo o mundo emana Dele que é o Ser Necessário e a Primeira Causa, sua identificação entre essência e existência como dois elementos separados, além da abordagem aviceniana sobre ato e potência. Agora que abordamos os antecedentes filosóficos sobre essência e existência, além de apresentarmos conceitos essenciais para a compreensão da obra de Santo Tomás de Aquino cujo conteúdo é o foco deste trabalho, seguimos para *O ente e a essência*.

2.2 – Santo Tomás de Aquino: *De ente et essentia*

O ente e a essência é um opúsculo que é datado pelos historiadores entre 1252 e 1256, sendo uma obra da juventude de Santo Tomás de Aquino que "torna transparentes as diretrizes gerais da metafísica do autor" (SOUZA NETO *in* AQUINO, 2014, p. 7). Logo no início desta obra, o Doutor Angélico já demonstra, em referência a Avicena, que o ente e a essência são elementos concebidos pelo intelecto (AQUINO, 2014, p. 17). A "potência ativa de conceber que faz o homem capaz do ente e da essência" (SOUZA NETO *in* AQUINO, 2014, p. 10), e, uma vez que "devemos receber o conhecimento do simples a partir do composto e chegar ao anterior a partir do posterior" (AQUINO, 2014, p. 17), é necessário que se signifique primeiramente o ente, para depois partir para a essência. Baseando-se em Aristóteles, Aquino (2014, p. 19) afirma que o ente é dito de duas maneiras, de uma em que é dividido por dez gêneros (as categorias aristotélicas), de outra "significando a verdade das proposições". Essência advém do ente dito da primeira maneira pois, sendo dividido em dez gêneros, faz-se necessário que "a essência signifique algo comum a todas as naturezas". Essência acabou por ser nomeada como *quididade*, ou seja, aquilo pelo que algo possui o *ser algo*. Santo Tomás de Aquino (2014, p. 20), então, dialoga tanto com Aristóteles (que afirma que é natureza toda substância) quanto com Boécio (que diz natureza tudo o que pode ser captado pelo intelecto) para concluir que, referindo-se a natureza como algo que está "ordenada à operação própria da coisa", *quididade*, portanto, deriva do que é significado pela definição, mas é essência "na medida em que, por ela e nela, o ente tem o ser". Em virtude

[11] "(...)as the existence which it ought to have and an excess of existence for the rest of things."

de o ente ser dito de modo incontestável das substâncias e, também de certa maneira, dos acidentes, vemos que existe essência tanto nas substâncias quanto nos acidentes. Porém, algumas substâncias são simples e outras compostas e, mesmo que exista essência em ambas, o Doutor Angélico afirma que a essência existe nas substâncias simples de um modo mais nobre e verdadeiro "de acordo com o que têm também um ser mais nobre; são, com efeito, causa das que são compostas, pelo menos a substância primeira e simples que é Deus" (AQUINO, 2014, p. 20).

Santo Tomás de Aquino (2014, p. 22-23) continua sua exposição afirmando que "nas substâncias compostas nota-se forma e matéria, como no homem a alma e o corpo", mas não é apenas a forma ou apenas a matéria que pode ser denominada essência, portanto faz-se necessário que "a essência, pela qual a coisa é denominada ente, seja, não apenas a forma, nem apenas a matéria, mas ambas, embora, a seu modo, somente a forma seja causa deste ser". Em consequência disto, quando temos dois entes e um destes entes é a causa de ser do outro, o que possui "noção de causa pode ter ser sem o outro, mas a recíproca não é verdadeira" (AQUINO, 2014, p. 37) pois vemos na nona proposição do *Livro das Causas*[12] que "inteligência é o que tem forma e ser; e toma-se aí forma pela própria quididade ou natureza simples". O que ocorre é que a relação entre forma e matéria existe de um modo que a primeira dá ser à segunda, consequentemente "é impossível que haja matéria sem alguma forma; no entanto não é impossível haver alguma forma sem matéria" pois a forma "não tem dependência para com a matéria". De outro modo, existem formas, por sua vez, que "não podem ser senão na matéria" e isso resulta de estarem separadas "do primeiro princípio que é o ato primeiro e puro." A essência da substância simples (ou seja, sua forma), só pode ser significada pelo todo, pois nada há nela além da forma. Contudo, "embora sejam apenas formas sem matéria, não há nelas uma simplicidade completa nem são ato puro, mas têm uma mistura de potência" (AQUINO, 2014, p. 38). O Doutor Angélico explica:

> Com efeito, o que quer que não é da intelecção da essência ou quididade, isto é advindo de fora e fazendo composição com a essência; pois nenhuma essência pode ser inteligida sem aquilo que é parte da essência. Ora, toda essência ou quididade pode ser inteligida sem que algo seja inteligido do seu ser. Posso, de fato, inteligir o que é o homem ou a fênix e, no entanto, ignorar se tem ser na natureza das coisas. Portanto, é claro que o ser é outro em relação à essência ou quididade. (AQUINO, 2014, p. 38-39)

Temos, portanto, que Aquino dá continuidade à separação feita por Avicena entre essência e existência. Pode-se definir a fênix, como explicado pelo Doutor Angélico, mas isso não significa que a fênix exista. Santo Tomás continua sua explicação, por outro lado,

[12] "9. O ser é, então, mais fortemente causa do homem do que o vivo, porque ele é causa do vivo, que é causa do homem." (LIVRO DAS CAUSAS, 2000, p. 107)

indagando que a afirmação acima pode ser verdade (para alguns casos), mas em outro caso específico não: Caso "haja alguma coisa cuja quididade seja o seu próprio ser" (AQUINO, 2014, p. 39), uma essência primeira e única, que seja exclusivamente ser e subsista sem receber a adição de alguma diferença. Em contrapartida, não é possível "que o próprio ser seja causado pela própria forma ou quididade da coisa" como causa eficiente, pois neste caso a coisa seria "causa de si mesma", ou seja, levaria a si mesma a ser e "é preciso que toda coisa tal que seu ser é outro que sua natureza, tenha o ser a partir de outro". E este outro é Deus.

> E, como tudo que é por outro reduz-se ao que é por si, como a uma causa primeira, é preciso que haja alguma coisa que seja causa de ser para todas as coisas, por isto que ela própria é apenas ser; de outro modo, ir-se-ia ao infinito nas causas, pois toda coisa, que não é apenas ser, tem causa do seu ser, como foi dito. É claro, portanto, que a inteligência é forma e ser; e que tem o ser a partir do ente primeiro que é apenas ser; e este é a causa primeira que é Deus. (AQUINO, 2014, p. 40)

Conforme afirma Cardeal Caetano de Vio (2022, p. 259), "tudo o que é o que é por outro é precedido por algo que é o que é *per se*", ou seja, "todo ente outro que a Causa Primeira é o que é por outro" sendo "precedido por aquele que é o ente por si", sendo causa dos demais entes. Portanto, a Causa Primeira é "ente em si mesma, ou seja, ente por si; e consequentemente sua quididade é o próprio ser". Prosseguindo dentro de *O ente e a essência*, Santo Tomás de Aquino (2014, p. 40) demonstra quando alguma coisa recebe algo de outra, ela "está em potência a respeito disso". Deste modo, a forma ou quididade está em potência a "respeito do ser que recebe de Deus; e esse ser é recebido a modo de ato". Sobre isto, Vio (2022, p. 265) demonstra que "tudo o que recebe algo de outro efetivamente é composto de potência recipiente e de ato recebido", portanto, a resposta que Santo Tomás de Aquino encontra para aquela indagação de Aristóteles (2012, p. 305) de que deveria haver um ente cuja existência é ato puro é de que este ser é Deus, o Ser Necessário que Avicena também demonstra em seu pensamento. Alguém que tem uma existência e essência iguais e que possui existência para si e um excesso de existência que emana sobre todas as coisas. A essência de Deus é seu próprio ser e por este motivo alguns filósofos afirmam que "Deus não tem quididade ou essência, pois sua essência não é algo de outro que o seu ser" (AQUINO, 2014, p. 42), Ele é um ser diferente de todos outros seres. Deus é de um modo que "nenhuma adição lhe pode ser feita". Em seu ser simples, efetivam-se todas as qualidades como uma qualidade única, mesmo que seja apenas ser, excelências e perfeições não lhe faltam, "Deus tem todas as perfeições no seu próprio ser" (AQUINO, 2014, p. 43). Santo Tomás de Aquino nos mostra que em Deus, essência e existência são iguais. Deus é ato puro, Ele não pode vir a ser nada que já não tenha sido desde sempre. E, retomando a questão aristotélica sobre o movimento, vemos na *Suma Teológica* de que Deus é este primeiro motor.

Aquino (2001, p. 166) afirma: “Mover nada mais é, portanto, do que levar algo da potência ao ato, e nada pode ser levado ao ato senão por um ente em ato”. Tudo o que se move é movido por outro e não se pode retroceder ao infinito porque desta maneira não haveria um primeiro motor e, não havendo um primeiro motor, não existiriam outros motores pois “os motores segundos só se movem pela moção do primeiro motor”. Chega-se, portanto, ao “primeiro motor, não movido por nenhum outro, e este, todos entendem: é Deus”.

Voltando para *De ente et essentia* e nos aproximando do final deste trabalho, neste opúsculo de Santo Tomás de Aquino tão relevante para compreendermos a sua metafísica, observamos como o Doutor Angélico faz um acompanhamento dos conceitos de essência e existência ao longo da história da filosofia, relacionando-os aos conceitos de substância, de ato e potência, e organizando-os dentro de sua teologia. Ele diferencia a substância simples da substância composta e esmiuça as categorias e os acidentes, com grande domínio da filosofia de Aristóteles, para compreender de que maneira todos estes conceitos estão relacionados entre si e, claro, de que maneira se relacionam com Deus.

> Fica, assim, portanto, claro como há essência nas substâncias e nos acidentes; e como nas substâncias compostas e nas simples; e de que maneira as intenções lógicas universais se encontram em todos estes; exceto o primeiro que está no limite da simplicidade, ao qual não cabe a noção de gênero ou de espécie e, por conseguinte, nem definição por causa de sua simplicidade; no qual esteja o fim e a consumação deste discurso. Amém. (AQUINO, 2014, p. 53)

Neste último trecho, que encerra *O ente e a essência*, Santo Tomás faz um apanhado das conclusões encontradas ao longo desta sua obra. Se no supracitado trecho de sua introdução a *O ente e a essência*, Francisco Benjamin de Souza Neto (*in* AQUINO, 2014, p. 9) afirma que o *terminus a quo* da metafísica do Doutor Angélico é o ente, vemos na conclusão deste opúsculo que Aquino (2014, p. 53) almeja que seja em Deus, a Causa Primeira, “o fim e a consumação deste discurso”. Conforme vemos na obra *O Tomismo*, de Étienne Gilson (2024, p. 471), nota-se um caráter unificante no pensamento de Santo Tomás de Aquino que “constitui uma explicação total do universo, dada pela perspectiva da razão”. Caráter, este, que diz respeito ao tomismo ser aglutinado por alguns princípios que perpetuamente se cruzam, ou, talvez, por ele ser formado por “diversos aspectos de uma mesma ideia, a ideia de ser”. Conforme acaba de ser demonstrado sobre a Causa Primeira, uma vez que não se pode “inferir algo de um ente a respeito de outro ente que não existe no mesmo sentido em que existe o primeiro”, seria impossível que nosso pensamento bastasse para concluir algo a seu respeito “se a realidade na qual estamos imersos não constituísse, por sua estrutura hierárquica e analógica, um tipo de escala ascendente que nos conduz a Deus” (GILSON, 2024, p. 473-474). E Ele nos deixa a vontade de obter um conhecimento mais elevado, mais

completo. Em síntese, vemos em Santo Tomás de Aquino que conhecer é o modo de chegar mais perto de Deus.

2.3 – Desdobramentos posteriores das contribuições de Santo Tomás de Aquino

Tendo vivido e produzido sua vasta obra ao longo do século XIII, observamos as ideias de Santo Tomás de Aquino ecoando ao longo dos séculos (não necessariamente sem gerar fissuras) em pensadores como Kant, Kierkegaard, Edith Stein (canonizada com o nome de Santa Teresa Benedita da Cruz), Husserl, Jaspers e Heidegger, por exemplo. Este último explorará e diferenciará os conceitos de *ser* e *ente*, conforme indicado anteriormente, apresentando em sua filosofia, também, o conceito de *ser-aí* (*Dasein* no original alemão, também traduzido para o português como *presença*, a depender da tradução), afirmando: "*A 'essência' da presença está em sua existência*[13]" (HEIDEGGER, 2006, p. 85). Heidegger expõe uma diferença ontológica entre *ser* e *ente* (LEITE, 2023, p. 68), classificando a metafísica como onto-teo-logia. Ontologia ao tratar do ente enquanto ente e teologia ao buscar um ente supremo que é o "fundamento de todos os outros entes" (LEITE, 2023, p. 71).

Portanto, vemos que em várias vertentes filosóficas ao longo dos séculos, o tomismo seguiu reverberando nas obras de vários pensadores mesmo que estes não fossem exatamente seguidores de seu pensamento. Pela robustez de sua obra e suas contribuições para a metafísica, para o existencialismo e, claro, para a teologia, além de sua importância na difusão do pensamento aristotélico na Europa medieval, Santo Tomás de Aquino ocupa um lugar de grande magnitude dentro da história da filosofia.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, exploramos os conceitos de essência e existência com foco em três pensadores: Aristóteles, Avicena e Santo Tomás de Aquino. De maneira cronológica e sem pretensão de esgotar o tema, foram abordados no decorrer deste artigo, além da importância da metafísica, os conceitos de substância, essência, existência, ato, potência e, claro, a Causa Primeira, além das relações entre estes conceitos ao longo da história da Filosofia. Por se tratar de um artigo com número limitado de páginas, foi preciso eleger alguns dentre os conceitos-chave para compreendermos esta obra do tomismo e, assim, alguns pontos acabaram por não ser tão explorados quanto outros, como por exemplo os gêneros e até a questão da alma e dos acidentes, contudo, alguns dos pontos principais de *O ente e a essência* e sua articulação com conceitos de pensadores anteriores a Santo Tomás de Aquino foram devidamente explorados.

[13] No original: "Das »Wesen« des Daseins liegt in seiner Existenz" (HEIDEGGER, 1967, p. 42).

4. REFERÊNCIAS

AQUINO, Santo Tomás. Comentário a metafísica de Aristóteles I-IV – Volume 1. Campinas: Vide Editorial, 2016.

AQUINO, Santo Tomás. O ente e a essência. Petrópolis: Vozes, 2014.

AQUINO, Santo Tomás. Suma Teológica – Volume I. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

ARISTÓTELES, Categorias. São Paulo: Edipro, 2020.

ARISTÓTELES. Metafísica. São Paulo: Edipro, 2012.

AVICENA. The Metaphysics of The Healing. Provo: Brigham Young University Press, 2005.

AVICENA. The Physics of The Healing – Books I & II. Utah: Brigham Young University Press, 2009.

CASTRO, Paulo Alexandre e. O conceito de substância na Metafísica e nas Categorias de Aristóteles. Conjectura: Filos. Educ., v. 25, 2020.

CEYLAN, Yasin. A critical approach to the avicennian distinction of essence and existence. Islamic Studies, v. 32, n. 3, Autumn, p. 329-337, 1993.

CHAUÍ, Marilena. Introdução à história da filosofia : Vol. 1 : Dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CRISP, T. M.; LOUX, M. J. Metaphysics – A contemporary introduction. Nova Iorque e Milton Park, Abingdon, Oxon: Routledge, 2017.

GILSON, Étienne. O tomismo: introdução à filosofia de Santo Tomás de Aquino. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2024.

HEIDEGGER, Martin. Sein und Zeit. Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 2006.

HUGON, Padre Édouard O. P. Os princípios da Filosofia de São Tomás de Aquino: as vinte e quatro teses fundamentais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. Avicena (Ibn Sīnā – 980-1037) e o Argumento Metafísico da Unicidade de Deus na Hermenêutica Alcorânica. Trans/Form/Ação, Marília, v. 35, p. 31-42, 2012.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. O De Anima de Aristóteles e a concepção das faculdades da alma no Kitáb Al-Nafs (Livro da Alma, De Anima) de Ibn Sina (Avicena). Trans/Form/Ação, v. 34, n. 3, p. 41-50, 2011.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MCGINNIS, Jon. REISMAN, David C. Classical Arabic philosophy : an anthology of sources. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc., 2007.

NELSON, Michael. Existence. Stanford Encyclopedia of Philosophy Archive, Summer Edition, 2020. Disponível em: < https://plato.stanford.edu/archives/sum2020/entries/existence/ >. Acesso em 02/02/2026.

LEITE, Rondnelly Diniz. Ser e ente na metafísica tradicional: Uma leitura heideggeriana. Basilíade – Revista de Filosofia, v. 5, n. 10, p. 67-84, jul./dez., 2023.

LIVRO DAS CAUSAS, O. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

PEREIRA, Rosalie Helena de S. Avicena: A viagem da alma. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PERINE, Marcelo. A Metafísica de Aristóteles: Introdução, tradução e comentário de Giovanni Reale. Phrónesis, v. 4, n. 1, p. 11-36, jan./jun., 2002.

RUSSELL, Bertrand. História da filosofia ocidental – Livro 2: A filosofia católica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SILVA, Evaldo Sampaio da. Metafísica, discurso e modo de vida filosófico. Prometeus, N. 21, dez., p. 61-86, 2016.

SILVA, P. R. F.; VIEIRA, S. L. M. Os fundamentos metafísicos de Tomás de Aquino a partir da obra *De Ente Et Essentia*. Revista Seara Filosófica, n. 22, p. 14-30, 2021.

VICENTE, José João N. B. Tomás de Aquino: o ente e a essência como concebidos primeiro pelo intelecto. Griot: Revista de Filosofia, vol. 9, n. 1, p. 181-190, 2014.

VIO, Cardeal Caetano. Comentário ao Do ente e da essência de Santo Tomás de Aquino. Brasília: Lucas de Aquino (Editora Contra Errores), 2022.

ZILLIG, Raphael. A ciência do ser enquanto ser e o estudo da substância (Metafísica Γ e Z). Journal of Ancient Philosophy, Vol. III, Issue 1, 2009.

Contatos: **vitor.guimaraes5150@gmail.com**

fabiano.oliveira@mackenzie.br